

XAVIER MARQUES E A IDENTIDADE BAIANA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Gilberto Ferreira Sena Junior*

Considerações Iniciais

A transição do século XIX para o XX é marcado na Bahia pela busca da intensificação dos discursos que tinham como objetivo criar uma identidade própria que a diferenciasse do restante da nação Brasileira. A necessidade de se estabelecer essa identidade é baseada, principalmente, na situação de clara decadência por que passava a Bahia em todo o século XIX e que veio agravar-se com o surgimento da República.

A instauração desse novo regime veio acelerar ainda mais o distanciamento da Bahia com o centro de decisões do poder, que agora se concentrava, quase que exclusivamente, no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, deixando os demais estados - especialmente os do norte-nordeste - ainda menos influente nas decisões que dirimiriam o futuro político-administrativo do Brasil daí por diante.

Diante deste quadro, a saída encontrada pelas elites baianas foi à busca por uma individualização identitária através do apelo a tradições históricas ligadas a Bahia, ou seja, as elites buscaram desenvolver/resgatar elementos que trouxessem a tona subsídios para a construção de uma identidade própria, e que resgatasse a importância histórica do povo baiano frente à nação. A Bahia passou então a buscar o destaque de sua posição histórica e as imagens utilizadas para levar a frente esse “projeto” de recuperação da influência baiana no cenário nacional passava, antes de tudo, pelo realce de certas qualidades peculiares à terra e ao povo baiano (em especial suas elites). Nesse sentido, Rinaldo Leite afirma que,

O reforço das tradições, das potencialidades e das qualidades baianas pretendia constituir os elementos de uma identidade regional que, ao ser promovida, mostrava a Bahia e os baianos como elementos imprescindíveis na construção da nacionalidade, fosse na dimensão simbólica, fosse no efetivo exercício de influência e poder políticos. Daí o surgimento dos materiais que se arrogavam o objetivo de fazer a propaganda da Bahia. Divulgar as virtudes se tornou um meio de exortar os baianos a lutar pela retomada da posição prestigiosa que conheceram um dia, assim como representava uma cobrança aos detentores do poder republicano para que devolvessem a Bahia ao lugar supostamente merecido. (LEITE, 2005:299)

* Mestrando em História pelo programa de Pós-graduação em História da UEFS, graduado em História pela UNEB. E-mail: gilertosenajr@hotmail.com

O repertório de idéias e imagens utilizado para construir uma identidade positiva de Bahia e, ao mesmo tempo, atestar a sua importância na formação da nacionalidade brasileira, foi composto de múltiplas referências. Sendo baseado nas raízes e tradições históricas, nas potencialidades reveladas pelas riquezas guardadas pela terra e na posse de certos dons e talentos peculiares que caracterizavam apenas a sua gente (sobretudo as suas elites). Termos como “Athenas Brasileira”, “berço da civilização brasileira” “terra abençoada do gênio, da galhardia e do desinteresse”, “alma *mater*”, “berço da civilização cristã no Brasil”, “o coração do Brasil, a alma nacional”, “primogênita de Cabral”, “terra de titânicos seios, sempre nobre, sempre forte e heróica”, dentre outros, eram utilizado como referências ao “lugar” que a Bahia deveria assumir frente à nação brasileira (LEITE, 2005).

Neste universo, as elites intelectuais, que acabaram assumindo o papel de protagonista nesse processo de afirmação-reafirmação das peculiaridades da terra e de seu povo frente ao imaginário social coletivo, buscavam resgatar uma imagem da Bahia que destacasse seu papel como elemento fundamental na construção da nação brasileira, em especial os papéis desenvolvidos pela Bahia na época colonial e imperial. Nesse sentido, Lizir Arcanjo Alves destaca que para lidar com essa situação, os intelectuais baianos deste período buscavam a todo tempo resgatar a memória da predominância da Bahia na história da construção da nação brasileira, afirmando a autora que,

Do período colonial herdou-se, pois não apenas o discurso do louvor mas também esse sentimento de orgulho de uma terra preferida, ocupando sempre um primeiro plano. A literatura que aí vai ser produzida não deixará de reconhecer e reproduzir essa tradição. As lutas de 1822-23 completarão o caráter de uma Bahia definitivamente assumida como “bela e heróica”, do que resultam para a literatura duas vertentes temáticas reincidentes: o louvor da paisagem e o culto da memória histórica local. (ALVES, 2000:281)

As belezas geográficas da cidade do Salvador e o resgate a história local tornaram-se objeto contínuo de admiração e representação literária e artística por parte da intelectualidade baiana, que acabou por criar uma “aura de magia” que até hoje é utilizada pela classe política com o objetivo de desenvolver o turismo na cidade. Contudo, para além da criação de uma imagem positiva, este louvor à Bahia assume um caráter de “afrontamento à política nacional” a partir de meados do século XIX, pois,

Os literatos baianos não buscavam louvar propriamente a pátria brasileira, mas especificamente a pátria baiana, compreendida como parcela eminente do conjunto

da nação. A poesia, o teatro, a vida das instituições culturais aí criadas atestam a fixação desse ponto de vista dos homens de letras. (ALVES, 2000:281-282)

E é exatamente nesse universo que se insere a produção literária de Francisco Xavier Ferreira Marques¹, que através da construção de suas obras literárias buscou destacar os elementos de tradição característicos da Bahia, que serviriam para contrapor as imagens negativas que se produziam acerca do estado no novo centro de poder do país. Podemos afirmar que as obras de Xavier Marques se caracterizam pela tentativa de resgatar os elementos caracteristicamente tradicionais da trajetória baiana no cenário de estabelecimento e criação de uma identidade nacional brasileira, sendo que toda a sua produção, quando não diretamente, tem como pano de fundo o destaque de elementos que buscam reafirmar, destacar, engrandecer, a longa tradição da Bahia e de sua gente frente à formação do estado nacional brasileiro.

Para visualizarmos essa produção, buscamos destacar no romance *O Sargento Pedro* (1910), que traz em sua estrutura o apelo a elementos tipicamente ligados a tradição baiana, como Xavier Marques representa as aventuras da guerra de independência na Bahia, a partir da participação de elementos populares, homens comuns que se transformam em heróis da trajetória da libertação da nação do domínio português.

As tradições da independência e a identidade baiana

Dentre os diversos discursos utilizados pelas elites intelectuais baianas na Primeira República para individualizar seu estado e consolidar uma identidade própria, um dos papéis mais importantes era representado pelas narrativas que enfocavam a participação da Bahia nas lutas pela independência do Brasil.

Segundo Wlamyra Albuquerque, foram produzidos na Bahia, nos primeiros anos da República, diversos discursos, conferências e romances que tinham como objetivo recriar as lutas de independência e destacar o papel representado pela então província da Bahia na efetivação da independência do Brasil. A autora afirma que nessas interpretações se buscava criar um paralelo entre a realidade vivida pela Bahia durante a guerra pela independência,

¹ Xavier Marques é considerado como um dos principais escritores do cenário nacional de seu tempo, chegando a alcançar um prestígio sem paralelo entre os escritores baianos da época (com exceção de Rui Barbosa e Afrânio Peixoto). Membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, Xavier Marques buscou traduzir na escrita a sua visão de mundo sobre a sociedade baiana de sua época.

com sua participação efetiva nas batalhas e o seu tributo de sangue à liberdade da nação, com a realidade vivida no sul do país, onde o fim do domínio de Portugal sobre a Brasil teve apenas “os vivas e outras explosões de fácil ardor, do que não custa sacrifícios nem esforços, nem acarreta perigos” (ALBUQUERQUE, 1999:111).

Para a autora, os discursos que buscavam o resgate dos “sangrentos combates” da guerra de independência tiveram, durante o período imperial, o objetivo de legitimar o poder monárquico, pois se buscava enfatizar a participação tanto de populares, como de senhores de terra e até escravos no processo de conquista da liberdade política da nação. Contudo, com o surgimento da República e a colocação da Bahia numa situação periférica em relação ao poder, a tentativa de resgate deste passado glorioso da Bahia serviria, principalmente, como uma forma de contrapor a situação de desgaste e perda de importância do estado no cenário nacional.

O resgate à memória da guerra de independência na Bahia tinha como principal elemento as festas do “Dois de Julho”, data que celebra o término dos combates contra os portugueses, e que ressurgiu como um processo de legitimação do passado e elemento de destaque ao papel histórico da Bahia na consolidação da libertação política da nação brasileira, tendo que sua reafirmação buscava, acima de outras coisas, destacar o orgulho de ser baiano. Nesse sentido, afirma Wlamyra Albuquerque que,

Os festejos do Dois de Julho possibilitam a investigação de certas peculiaridades do período fornecendo indícios de como, nas primeiras décadas da República, os contemporâneos recriavam tradições, projetos sociais, relações raciais, enfim, lidavam com os dilemas de seu tempo.

Comemorando, os baianos podiam construir, divulgar, confrontar e/ou assimilar leituras e projetos diversos para o seu mundo social. (ALBUQUERQUE, 1999:25)

Diversos nomes de importância no cenário social e político da Bahia deste período empenharam-se em divulgar esta faceta da história do estado no cenário tanto interno quanto externo, pois ao mesmo tempo em que se buscava o resgate/divulgação dos feitos inerentes as lutas de independência no cenário interno do estado, feito realizado principalmente através da imprensa escrita (jornais, revistas e, até, romances da época), se buscava também inserir tais ideais na imprensa externa, principalmente na imprensa sulista (Rio de Janeiro e São Paulo), que agora representava o campo onde se desenvolvia o “jogo do poder”, ou seja, buscava-se demonstrar no novo centro político do país a importância histórica da Bahia na construção da nação brasileira.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que se desenvolve entre os intelectuais baianos, desse período, uma espécie de projeto de divulgação das tradições da Bahia que tem como objetivo principal resgatar a importância do Estado diante do conjunto da nação brasileira, sendo que o resgate das aventuras baianas por ocasião da guerra de independência ganha um destaque especial no processo de criação/resgate de um imaginário social coletivo acerca do papel que coube e, conseqüentemente, deveria caber a Bahia e ao seu povo (em especial às suas elites) na nova organização de forças dentro da (nova) República do Brasil.

Dentre vários representantes da elite intelectual baiana do período que atuaram diretamente nesse projeto de reafirmação das lutas de independência na Bahia, Xavier Marques merece um destaque especial, pois além de ser membro de comissão executiva organizada em 1919² para dirigir as festas do *Dois de Julho*, Xavier Marques também é responsável pela publicação de diversos ensaios e artigos sobre o papel da Bahia na independência do Brasil, que foram publicados em diversos meios de circulação de notícias da época, como jornais e revistas.

Contudo, o que queremos destacar aqui é como o autor desenvolve em seu romance *O Sargento Pedro*, lançado originalmente em 1910, premiado neste ano pela Academia Brasileira de Letras e considerado por boa parte da crítica especializada como umas das obras mais importantes de Xavier Marques, o papel histórico do indivíduo (e da coletividade) baiano na luta de independência.

O romance *O Sargento Pedro*, é inspirado nos episódios da guerra de independência da Bahia (1822-23), e tem como protagonista um indivíduo comum, carpinteiro naval da Ilha de Itaparica, que luta pelo ideal de libertação da nação brasileira do domínio estrangeiro, mas que busca, acima de tudo, salvar sua casa e sua família. Ao utilizar-se de um protagonista anônimo, como os milhares que tomaram parte nestas batalhas, Marques é responsável por desenvolver uma narrativa pautada, acima de tudo, na tentativa de resgate de valores que serão atribuídos a coletividade do povo baiano, como coragem, força, iniciativa, dentre outras, e que tem como objetivo maior servir como contraponto a realidade política que se encontrava o Estado nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX.

² Esta comissão, formada por Xavier Marques e outros intelectuais como Braz do Amaral, Teodoro Sampaio, Bernardino de Souza e Pimenta da Cunha, tinha como objetivo dirigir o planejamento das celebrações das festas do Dois de Julho que completariam cem anos; comemoração que deveria servir como um elemento de “redenção da Bahia” frente aos demais estados da nação.

O personagem *Pedro*, que de voluntário nas fileiras do batalhão patriótico é alçado à condição de sargento devido a sua bravura e coragem no desenrolar das batalhas, é utilizado pelo autor como um símbolo do indivíduo comum, dos milhares de cidadãos que lutaram nas batalhas e representa a coletividade dos baianos e sua dedicação na construção de uma pátria livre do jugo estrangeiro. Para Wlamyra Albuquerque,

Na versão de Xavier Marques, assim como Pedro, toda a população baiana empenhou-se na conquista da soberania política do país. Pois, de “todos os lados corriam” os brasileiros para as batalhas, “ébrios de alegria, apanhando mochilas e armas”. Os alegres combatentes baianos foram descritos pelo autor com voluntários obstinados dispostos a livrar o país dos “sanguinários” portugueses. Eram heróis nacionais capazes de se tornar “colunas vivas e inabaláveis” para conquistar a emancipação política do Brasil. No seu romance, Xavier Marques enfatizou a ferocidade dos combatentes, a bravura dos patriotas e o empenho dos baianos para efetivá-la. (ALBUQUERQUE, 1999:111)

Jorge Araújo (ARAÚJO, 2008:19), em seu estudo sobre o romance baiano no século XX, chama a atenção para a forma como Xavier Marques consegue dispor, em “tons neo-românticos o pano de fundo histórico” que ele utiliza como referência central no *Sargento Pedro*, seguindo uma estrutura que lembra a produção de José de Alencar. Assim como Wlamyra Albuquerque, Jorge Araujo afirma que Xavier Marques se utiliza, neste romance, da criação de um herói a partir de um indivíduo, o personagem *Pedro*, que irá representar a coletividade da sociedade baiana. Esse indivíduo servirá como um ideal para representar as multidões de anônimos da guerra de independência, e ao mesmo tempo, resgatar/criar em seus contemporâneos um ideal de superioridade histórica da Bahia perante o conjunto da nação brasileira, pois “nenhum outro Estado pagou com tanto sangue o tributo a liberdade da nação brasileira”.

Dentro desta perspectiva, a característica mais marcante no romance *O sargento Pedro* são as repetidas referências a coragem do indivíduo baiano e como estes se comportaram durante toda a campanha de independência. A referência tomada pelo autor é centrada no papel desenvolvido pelos baianos da Ilha de Itaparica, mas que servem como alusão ao papel desempenhado por toda população do estado (província à época da independência). Como percebemos através das colocações de *Pedro* em um diálogo travado com o seu pai *Andre* e outros pescadores, onde há o destaque as possibilidades de enfrentamento do inimigo estrangeiro que porventura vierem a invadir suas terras, ameaçando suas famílias e residências.

Mas a surpresa do velho André foi maior, quando Pedro, interrompendo-o, disse:

-Pode ser, meu pae André...

-Pode ser o que?!...

-É outra cousa... Eu digo que nenhum homem desta Ponta das Baleias deve se esconder ou fugir e deixar que a maruja do general tome conta disto sem mais nem menos. Retirem-se as mulheres com seus meninos pequenos, retirem-se os velhos que já não têm sangue nas veias... Vá. Mas fiquem os que podem pelear...

Sérgio e Calixto assentiram com ardor.

-Continua, rosnou o velho, com a cabeça pendida.

-Se não, p'ra que foi que os antigos fizeram acolá no pontal um forte? p'ra que foi que elles arrumaram lá taiita peça e tanta bala? Alguma serventia aquillo tem. Não é p'ra quem está de fora chegar, aboletar-se, pegar no morrão e dizer aos donos da terra: «Vocês ou desoccupam o sitio ou fica tudo espichado no chão». Não. Foi p'ra quem está dentro sahir á frente do intruso e gritar á boca cheia: «Alto lá ! ou arreda ou morre!»

Exaltaram-se os moços, e André, radiante, com um calafrio de orgulho ajuntou, em voz tremula:

-Por certo, meu filho... (MARQUES, 1921:61-62)

O entusiasmo de *Pedro* na defesa de sua terra, de sua família e do local onde vivam e trabalhavam, serve como uma alusão a coragem do indivíduo comum, aquele que representa a coletividade baiana, e que deveria servir como referência para toda a construção de um imaginário acerca do indivíduo brasileiro, principalmente se considerarmos que no período em análise (a Primeira República), um dos principais elementos destacados era a necessidade da construção de uma identidade que abarcasse a coletividade da nação, e que representasse a idéia de brasileiro nato.

As referências ao desejo de defesa de seus lares, no caso específico a Ilha de Itaparica, repetem-se por diversas vezes no desenrolar da obra, não sendo exclusividade do herói da trama, ao contrário, servindo como um elemento que caracteriza toda a sua população. Assim, podemos perceber através das afirmações de outro personagem, o tenente *Taneco*, que num diálogo travado na oficina de carpintaria de *Pedro*, onde se reuniam diversos indivíduos, expressa a seguinte opinião sobre as possibilidades de embate entre os brasileiros da Ilha e os portugueses,

[...] O tenente Taneco falou para todos no estaleiro:

-Levamos aqui só a pensar nas bravatas do lusitano. Deixal-o... Olhem para alli. São barco que vêm de Jaguaripe com mantimentos para os nossos, que estão se reunindo na villa de Cachoeira. O que nos falta é embarcação artilhada para acompanhá-los... Mas Lima já seguiu...

-Se elle é nosso...

Pedro confirmou:

-A mim o disse no alambique.

-Então? E nós, continuou o tenente, a quebrar a cabeça com os brigues e as escunas... Que venham! Não ha um regimento na ilha? Pelo que me toca, estou no meu posto e daqui não me arreda... comtanto que haja soldados p'ra pegar nas granadeiras. Nasci para morrer um dia, portanto...

-Com esses modos marciais, a boca cheia de raios de guerra, Taneco transfigurara-se. Os officiaes suspenderam os machados e os moços de pescaria olharam-no com respeito. (MARQUES, 1921:94-95)

Assim como podemos perceber nas palavras do personagem *Taneco*, ou do herói da trama, o carpinteiro *Pedro*, os baianos da Ilha de Itaparica estavam dispostos a lutar contra qualquer inimigo que ameaçasse suas famílias e lares. Porém, apesar da disposição para a defesa de seus pares, a população da Ilha não dispunha de condições materiais, tampouco humanas, para enfrentar um exército profissional como o lusitano instalado na cidade do Salvador. A disparidade entre as forças é uma questão bastante debatida no desenvolvimento da narrativa de Xavier Marques, e serve como uma espécie de elemento que irá inserir ainda mais dramaticidade e, conseqüentemente, glória a vitória dos baianos.

Xavier Marques busca destacar também, em sua narrativa, que a guerra nunca foi uma ação exclusiva dos homens de Salvador, do Recôncavo ou mesmo da Ilha (local onde se desenrola a narrativa em questão), pois, mesmo tomando como referência os indivíduos destas localidades, o autor, assim como outros cronistas dos eventos da guerra de independência da Bahia, fazem questão de destacar a participação de indivíduos de outras localidades do estado (então província), como por exemplo, os reforços que “acabavam de chegar à fortaleza [da Ilha] os patriotas de Valença, de Nazareth e Cachoeira”. (MARQUES, 1921:270)

Essa referência a participação de baianos de outras localidades serve como um elemento que busca criar uma identificação de todos os habitantes da Bahia com as tradições da guerra de independência, haja vista que o objetivo central da recuperação dos elementos históricos desta guerra era criar uma espécie de longa tradição identitária que englobasse toda a diversidade da Bahia, e reunisse sobre um passado comum de glórias, todos os seus habitantes.

Voltando para a narrativa de Marques, queremos destacar outra demonstração desta coragem atribuída ao indivíduo baiano que se desenrola em uma das últimas batalhas envolvendo os voluntários da Ilha e os portugueses, e inicia-se com um discurso proferido pelo capitão *Galvão* conclamando todos os seus soldados à luta até a vitória ou a morte,

-Soldados da Independência! Meus patrícios! O inimigo quer expulsar-nos desta terra onde nascemos, e apoderar-se d'ella para trucidar com as nossas proprias armas a Bahia e o Brasil independente! Juremos perante o céu que elle só pisará n'estas praias quando não restar mais de pé nem um de nós... Juremos, camaradas, pela nossa honra, que havemos de ser fieis á divisa do batalhão expedicionário: vencer ou morrer!... Viva o Principe Regente!
Uma procella de aclamações trovoou ao longo da costa. (MARQUES, 1921:277)

Próximo do fim do romance, Marques ainda destaca outra importante participação nas batalhas contra os lusitanos. Ao resgatar o paradeiro da heroína do romance (musa de *Pedro*), *Mercês*, o autor insere uma breve descrição da participação das mulheres nas lutas da independência, destacando como estas tomam parte na luta contra o inimigo estrangeiro para defender sua terra,

As loucas se arremessavam para deante, sobre a areia escaldada. Buscavam seus maridos? Seus filhos? seus pães?... ou a morte? Queriam morrer com elles talvez... E elles surgiam, trefegos, demudados, com armas como caçadores, espiando para a frente e para os flancos, no meio de estalos e ribombos.

Seu atordoamento cresceu. Pensou ir cahir, quando viu que, dentre as companheiras, muitas se debruçavam na areia, a cavar, a cavar com as mãos, avidamente, e retiravam pesadas massas negras e redondas, que largavam, correndo, junto aos guardas da peça, tornando sempre ás carreiras, em tresvario.

Compreendeu e imitou-as, mas com furor.

Tinha achado o seu destino. Era então para isso que os seus pés a trouxeram até allí?...

Uma bala girou no areal, a poucos passos della. Deu um bote, suspendeu-a, correu á bateria.

Desde então foi a mais temerária, a mais destemida e rápida. (MARQUES, 1921:285)

A narrativa do romance se encerra com as comemorações da vitória brasileira sobre os inimigos estrangeiros, destacando-se a entrada triunfante das forças nacionais na Ponta da Ilha (localidade onde moravam os heróis), onde se buscava destacar, em especial, a participação popular nas lutas pela independência, demonstrando a “altivez de homens que se fazem livres pela virtude única dos seus braços e da própria vontade” (MARQUES, 1921:312). A entrada na Ponta da Ilha, dos voluntários que se dedicaram as lutas, é seguida da entrega de uma bandeira nacional e da leitura de uma proclamação escrita pelo general Labatut (comandante geral do exército pacificador), exaltando a coragem e a luta do povo da Ilha pela liberdade e independência da nação brasileira, nação que “ha de vir a ser a primeira do globo!”.

-«Recebei, valentes defensores de Itaparica essa bandeira nacional do independente Brasil; certo fico de que até aqui os vossos feitos têm sido espantosos... Ah! como o não serão, encarando vós esta insígnia que lembra a liberdade civil e a indenpendencia de uma nação que há de vir a ser a primeira do globo!...»

O carpinteiro perdia-se mim vago e deslumbrado scismar, com a intuição d’essa pátria vasta, livre e *primeira*, a desdobrar-se, como o prolongamento das praias da ilha, para além das suas aguas de esmeralda que murmuravam perto, ás abas do fortaleza de S. Lourenço.

-«Eia! Itaparicanos! continue a mostrar aos nossos inimigos que tendes por divisa e é o vosso timbre -Independência ou Morte...» (MARQUES, 1921:316)

Considerações Finais

Percebemos que, de uma maneira geral, este romance de Xavier Marques tem como objetivo principal não só destacar a participação dos baianos nas lutas pela independência do Brasil, pois, apesar de ser este o elemento sob qual a narrativa é assentada, podemos afirmar que o autor buscava resgatar elementos que ajudassem no estabelecimento de um orgulho identitário na população baiana (e sobre esta, já que sua narrativa não se destinava apenas ao público interno), com a clara intenção de contrapor a situação de decadência em que se encontrava a Bahia.

Essa percepção acerca da obra de Xavier Marques estava presente também em seus contemporâneos, que afirmavam que, conforme podemos perceber nesta nota publicada pelo *Jornal de Notícias* de Salvador em 16 de maio de 1910, na seção “Livros e Letras”,

O sargento Pedro é o romance de um dos muitos heróis anonymos que, na campanha pela nossa emancipação politica, desempenharam na ilha de Itaparica prodigiosos feitos, synthetisados na data de 7 de janeiro, que é allí annualmente celebrada.

[...] O talentoso auctor põe em relevo, sem nenhum exagero nem façanhas, adrêde inventadas, todas as acções abnegadas e edificantes, praticadas em defesa do torrão natal pelos obscuros voluntários da Independência, acções que, descriptas com escrupuloso respeito da verdade historica, imparcialidade e fidelidade á tradição oral e escripta, constituem um dos mais bellos ensinamentos civicos para todos os tempos. (*Jornal de Notícias*, 1910 *Apud* MARQUES, 1921:335-339)

Basicamente, esse discurso pautado no resgate do elemento tradicional tão presente nas obras de Xavier Marques, atua como um projeto de desenvolvimento de uma identidade local/regional para a Bahia, e é movido por grande parte da elite intelectual baiana do período da Primeira República. Pautando-se na tentativa de criar um paralelo entre um passado de glória e um presente marcado por uma situação de abandono e perda, as elites baianas, tentavam buscar num passado histórico os elementos que iram conduzir a Bahia novamente a uma posição de destaque no cenário nacional.

Conforme destaca Rinaldo Leite, “a motivação para o resgate desse tipo de memória era dupla: por um lado, havia a saudade de um tempo considerado glorioso, que se desejava repetir; por outro lado, servia como referência comparativa em relação ao presente, que se desejava refazer” (LEITE, 2005:298). Desta forma, as elites baianas da Primeira República buscavam se apresentar como os legítimos herdeiros de uma longa tradição de serviços patrióticos prestados a nação, configurando-se, desta forma, um discurso que requeria o estabelecimento de uma condição mais favorecida da Bahia (e que deveria necessariamente

ser exercida pelos representantes dessas elites) na alta administração e na vida política da nação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

ALVES, Lizir Arcanjo. *Os tensos laços da Nação: conflitos político-literários no Segundo Reinado*, Tese (Doutorado em História), UFBA, Salvador, 2000.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Floração de imaginários: o romance baiano do século XX*. Itabuna/Ilhéus, Via Litteratum, 2008

LEITE, Rinaldo César Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das Elites sobre as Grandezas e os Infortúnios da Bahia nas Primeiras Décadas Republicanas*. Tese (Doutorado em História Social), USP, São Paulo, 2005.

MARQUES, Xavier. *O Sargento Pedro*. Bahia: Livraria Catilina, 2ª edição. 1921.